

**MICHAEL BALINT: REFLEXÕES CONCEITUAIS PARA UMA
PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA**

Marcos Paulo Shiozaki *
Francisco Hashimoto

Esse trabalho apresenta alguns resultados de nossa dissertação de mestrado¹ e tem por objetivo discutir sobre alguns conceitos de Michael Balint (1896-1970), psicanalista húngaro contemporâneo, que influenciou na construção do *Middle Group* na Inglaterra e da Escola de Budapeste.

Para isso, nos utilizamos de estudos das principais obras de Balint, para realizar contendas entre essa teoria e a atualidade.

Apresentar tais conceitos se mostra relevante, já que Balint expande os horizontes para uma clínica mais atual, em um período em que o contexto cultural se diferenciou muito daquela do nascimento da Psicanálise, de Sigmund Freud (1856-1939).

Balint apresenta algumas discordâncias conceituais da teoria freudiana. Em contrapartida, é válido afirmar que em todo momento, Balint se declarava como um seguidor de Freud.

Entretanto, discordar de alguns pontos da teoria de Freud pode se mostrar plausível, já que o próprio Freud admitiu a Viereck (1926) que ele apenas iniciou o que seria a psicanálise, ou seja, havia muito, ainda, a se explorar – o que permite pensar a teoria psicanalítica na atualidade.

Entretanto, talvez pela genialidade ou pela construção de uma trama única, parece que, a partir de 1939 (ano da morte de Freud), a Psicanálise desacelerou seu ritmo produtivo, desencadeando inúmeras dissidências e discussões sobre o destino dessa teoria.

Michael Balint concorda com esse pensamento ao advertir que não “devemos esquecer que a última revisão de nossa teoria das instâncias e localizações foi feita por

¹ Shiozaki, M. P. (2010). O sentimento de vazio: reflexões psicanalíticas na atualidade. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Assis.

Freud, no início da década de 20” (1968/1993, p. 7). O autor continua e apresenta que “[...] é inquestionável que, desde aquele tempo, nosso potencial técnico, nossa habilidade atual e com eles nossos problemas técnicos aumentaram consideravelmente”.

É necessário citar, aqui, que Balint realiza uma crítica ao mencionar que muitos analistas não acompanham esse desenvolvimento da Psicanálise em relação ao contexto de sua época. Outro julgamento similar se mostra em Herrmann (2002), quando este cita que os psicanalistas não conseguem ascender suas criatividade e ficam sempre na sombra de Freud².

Então, analisar nosso atual contexto se mostra necessário para refletirmos sobre a psicanálise contemporânea.

A atualidade

Pensar sobre nosso tempo atual não é uma tarefa fácil. Observamos vários sociólogos, filósofos, psicólogos etc. discutindo sobre as principais características desse tempo.

Então, baseado principalmente nas leituras de Lyotard (2009) e Harvey (2011), elencamos como principais características da atualidade, as presenças das pequenas narrativas, a aliança entre Mercado e Ciência e as mudanças concernentes à noção de tempo e de espaço.

Desse modo, conseguimos perceber uma crescente destradicionalização, possivelmente consequente das pequenas narrativas, ou seja, as grandes verdades universais parecem se estilhaçar em nosso período, marcado pelo consumo e influenciado pela tecnociência. Da mesma maneira, a noção espacial e temporal parecem se emergir em uma virtualidade que parece corromper com a concretude desses processos.

Assim, é válido afirmar que a noção de subjetividade se difere daquelas observadas nos tempos de Freud. Certamente, essas novas configurações causam um

² Um exemplo disso pode ser observado na discussão do reservatório da libido. Freud aponta, no texto de 1914, que o reservatório era o eu. Em 1923, no *Eu e o Isso*, apontou o isso como o grande reservatório. Em seu texto de 1938, um ano antes de falecer, voltou a defender a ideia de que o reservatório da libido se encontrava no eu. Simplesmente por esse único fato, quer dizer, de ser o último artigo de Freud que lidou com o assunto, muitos psicanalistas defendem a última posição do pai da Psicanálise.

impacto subjetivo que nos direciona a refletir sobre um desenvolvimento da Psicanálise que pode melhor se adequar aos novos tempos. Conjecturamos que as teorias de Balint podem auxiliar para esse pensamento.

Michael Balint

Um ponto de discordância das teorias de Freud e Balint reside justamente em um ponto controverso da teoria de Freud, que é o narcisismo primário.

Balint (1968/1993) acredita na impossibilidade de um narcisismo puro. Explica que é impossível pensar em um Eu isolado, detentor de uma libido não corrompida, mesmo que minimamente, por qualquer objeto.

Dessa maneira, o autor conjectura que se não há um narcisismo primário, há um objeto primário. Isso significa que não buscamos amar, mas apenas ser amado, de todas as formas e em todo o ser. Nota-se que essa primeira relação é passiva e terna, ou seja, há uma inversão da teoria de Freud (1921/2011), pois este acredita que a ternura advém do processo de recalque.

Outro ponto relevante da teoria é que Balint acredita em uma não-determinação biológica, quer dizer, as fases de desenvolvimento psicosssexuais, tal como a sexualidade polimórfica perversa, dependem muito mais de fatores culturais do que de processos estritamente biológicos.

Ainda em seus estudos, Balint (1968/1993) observou que no conflito edípico, a linguagem se faz muito importante, e por isso, com pessoas com um eu forte, aquela análise tal como Freud realizava - em que as ambivalências e as relações triangulares se adequavam – se mostrava possível.

Em contrapartida, Balint (1968/1993) se questiona se esse modelo de paciente, com esse tipo de conflito, continua a frequentar os consultórios atualmente. O autor então discute acerca do nível edípico, que possui as características já mencionadas (ambivalência, relações triangulares etc.); e o nível pré-edípico. Entretanto, o autor classifica o nível pré-edípico em duas instâncias: a *falha básica* e a *área de criação*.

Na falha básica, há algumas características que destoam do nível edípico. Segundo Balint, a relação não é mais triangular (com dois objetos externos), mas sim

bipessoal, em que existe apenas um objeto externo. Além disso, o autor cita que na clínica o sintoma de pessoas que atingiram esse nível é de extrema apatia, em que não parece não haver sentimentos como ódio, amor etc. mesmo diante das frustrações, como se experimentasse uma sensação de vazio. Já na área de criação, segundo o autor, não há objeto externo.

Na área da falha básica, duas relações objetais se mostram importantes, que é a ocnofilia e o filobatismo. O primeiro se caracteriza por uma necessidade de se agarrar aos objetos, enquanto a segunda se apresenta como um desapego objetal. Isso se mostra relevante pois, diante de uma situação podemos nos aproximar de um objeto (ocnofilia) ou nos afastar (filobatismo) de um objeto desagradável.

Enfim, essa análise se mostra relevante, pois, esses processos de relações objetais se mostram constantes em um contexto de pequenas narrativas, em que tudo, incluído até o tempo e espaço, se mostram fluidos. Então, nos atermos nesses processos na clínica hoje é importante para podermos compreender esses novos pacientes difíceis, multifacetados.

Referências

Balint, M (1993). *A falha básica: aspectos terapêuticos da regressão*. (F. F. Settineri, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas (Trabalho original publicado em 1968).

Balint, M (2003). *Primary love and psycho-analytic technique*. London: Tavistock Publications.

Freud, S. (2011). *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. (P. C. Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921).

Harvey, D (2011). *A condição pós-moderna*. 21 ed. São Paulo: Loyola.

Herrmann, F (2002). *A infância de Adão e outras ficções freudianas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Lyotard, J-F (2009). *A condição pós-moderna*. (R.C. Barbosa, Trad.). 12 ed. Rio de Janeiro: José Olympio

Shiozaki, M. P. (2010). *O sentimento de vazio: reflexões psicanalíticas na atualidade*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Assis.

Viereck, G. S. (s.d.). *Entrevista com Freud*. (P.C. Souza, Trad.) Alpes Austríacos (Trabalho original publicado em 1926).